

## ANTROPONÍMIA NEOLÓGICA E OS ESQUEMAS CONSTRUCIONAIS

Letícia Santos Rodrigues <sup>1</sup>

### RESUMO

No âmbito dos estudos desenvolvidos em Linguística Cognitiva, intentou-se depreender os esquemas construcionais acionados pelos utentes – a partir das considerações de Booij (2005; 2007; 2010), Goldberg (1995; 2013) e outros – no momento da criação de prenomes neológicos. Nesta pesquisa foram considerados os formativos de origem germânica envolvidos nas construções desses novos prenomes tendo em conta os aspectos históricos relacionados à chegada dos chamados “povos germânicos” na Península Ibérica e seus devidos desdobramentos. A metodologia se voltou para a análise dos trabalhos de Rodrigues (2016; 2019) e de seus respectivos *corpora* datados que, juntos, se referem a dados do final do século XIX até início do século XXI. O critério de identificação de um prenome como neológico se deu quanto à presença deste em um ou em mais de um dos principais dicionários onomásticos em língua portuguesa, a saber: Nascentes (1952), Guérios (1981) e Machado (2003). Dentre os resultados obtidos, foi possível observar que o incremento da antroponímia neológica se fortaleceu, ainda que timidamente, com o decorrer dos anos. Ainda, também nota-se a recorrente utilização de estruturas composicionais bitemáticas, ao modo como se acredita terem sido herdadas dos antropônimos germânicos, confirmando a influência desse modelo morfolexical.

**Palavras-chave:** Onomástica, Linguística Cognitiva, Esquemas Construcionais, Morfologia.

### INTRODUÇÃO

Os nomes de pessoas são considerados elementos indispensáveis às relações humanas e se fazem presentes em diversos tempos, lugares, culturas e religiões. Assim, a Onomástica é, segundo definição do *site* The International Council of Onomastic Sciences (ICOS), “[...] o estudo dos nomes próprios, da palavra grega *onoma*, ‘nome’” (COATES, [200-], tradução nossa<sup>2</sup>). Neste estudo, a Onomástica será analisada mais estritamente da perspectiva antroponímica, que se refere aos nomes próprios de pessoas (chamados de “antropônimos”), e morfológica, que se volta para a análise da estrutura interna da palavra.

Para guiar nossas análises, nos centraremos nos trabalhos de Rodrigues (2016; 2019), que examinam prenomes neológicos que apresentem, em suas construções, formativos com vinculação parcial ou integral a uma origem germânica. A opção pelo termo “formativo” em detrimento do termo “morfema” se deu em consonância com outros estudiosos da área, como

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo/SP (letisr@usp.br). Bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por meio do Programa Regular de Bolsas no País, processo nº 2019/20331-8.

<sup>2</sup> No original: “Onomastics is the study of proper names, from the Greek word *onoma* ‘name’”

Soledade e Lopes (2015), Gonçalves (2016a; 2016b) e Simões Neto e Soledade (2018). A justificativa, como explica Gonçalves (2016b), citando Booij (2010), é que os morfemas não representam um pareamento entre forma e significado independente, ao passo que os formativos integram “[...] esquemas morfológicos e sua contribuição significativa é acessível apenas por meio do significado da construção morfológica como um todo” (GONÇALVES, 2016b, p. 22).

De antemão, destacamos que pesquisadores com formação não indo-europeísta, como os autores dos dicionários onomásticos e etimológicos que utilizamos, Nascentes (1952), Guérios (1981) e Machado (2003), costumam rotular seus étimos como “germânicos” sem considerar que estes possam se tratar de itens de “línguas germânicas antigas específicas” (como o gótico, antigo alto alemão, antigo saxão, antigo nórdico ou anglo-saxão), de modo que esses étimos tidos como “germânicos” são, na realidade: a) próprios de língua germânica antiga não identificada; b) não detectados, devido à sua difícil localização; c) transcritos de forma errônea ou simplesmente não existem. Por esse motivo, optamos pelo uso de aspas angulares «...» tanto no termo «germânico» quanto nos supostos étimos, quando incertos.

Segundo Piel (1989), no período indo-europeu a nomeação entre os povos «germânicos» se valia, de modo geral, de uma formação bitemática, ou seja, a partir da união de dois itens do léxico comum. Assim:

[...] a nomeação germânica durante parte da Idade Média era semanticamente motivada, com palavras relativas a ‘campos conceituais’ que se referiam a elementos próprios da cultura desses povos, como os de instrumentos de guerra, animais e sentimentos de conquista – coragem, fama e vitória –, além de adjetivos que denotavam qualidades físicas e morais (RODRIGUES, 2019, p. 76).

Embasados pelos princípios teóricos da Linguística Cognitiva, objetivamos demonstrar que os indivíduos, ao depreenderem um padrão recorrente na língua, o reproduzem ao criar novos prenomes, seguindo o modelo de formação bitemática herdado dos «germânicos», em conformidade com a hipótese proposta por Rodrigues (2016; 2019).

## **METODOLOGIA**

Os *corpora* analisados nesta pesquisa se referem aos trabalhos de Rodrigues (2016; 2019) e ao estado da Bahia. O objetivo de Rodrigues (2016), em seu trabalho de conclusão de curso intitulado *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos*

*germânicos no Brasil*, foi entender como se compõe parte do quadro antroponímico neológico brasileiro, a partir, especificamente, da influência dos antropônimos «germânicos» e de seus formativos. O *corpus* utilizado nesse trabalho foi a lista de aprovados no vestibular da Universidade Federal da Bahia em 2005, a fim de encontrar prenomes neológicos criados com o uso de formativos vinculados parcial ou integralmente a uma origem «germânica».

Já Rodrigues (2019), em sua dissertação intitulada *Neologia antroponímica: o que os nomes de origem germânica têm a nos dizer?*, se utilizou de *corpus* referente aos arquivos da Ordem Terceira do Carmo, localizada no Centro Histórico da cidade de Salvador/BA. Esses arquivos são compostos por fichas de registro de novos membros da Ordem e constituem os 10 tomos do Livro dos Termos dos Irmãos, dos quais Rodrigues (2019) analisou apenas os últimos quatro, que continham, respectivamente, 796, 500, 500 e 164 fichas, totalizando 1960, cobrindo o fim do século XIX até o início do século XXI.

Para caracterizar um prenome como neológico, os dois trabalhos mencionados utilizaram o critério de que esse prenome em suspeição de neologia não constasse em nenhum dos principais dicionários etimológicos portugueses: Nascentes (1952), Guérios (1981) e Machado (2003). Após, foram selecionados para análise apenas os prenomes neológicos que apresentassem um ou mais formativos com vinculação parcial ou integral a uma origem «germânica». Depois de determinados os formativos, os prenomes foram segmentados morficamente, no intuito de identificar possíveis construções relacionadas ao modelo bitemático e de precisar a posição ocupada pelos formativos nos compostos personativos.

Nesta pesquisa, apresentamos apenas o formativo ED- ~ EDE- ~ EDI-, encontrado em 22 prenomes em Rodrigues (2016) e em apenas dois prenomes em Rodrigues (2019), conforme demonstrado no Quadro 1. Logo, não nos preocupamos em expor os dados quantitativamente, mas somente em apresentar o método utilizado nas duas pesquisas, para dar visibilidade aos processos empregados, pois compreendemos que todas essas análises já foram muito bem detalhadas em Rodrigues (2016; 2019).

**Quadro 1** – Prenomes neológicos com o formativo «germânico» ED- ~ EDE- ~ EDI-

Livro	Prenome	Ano de registro
8	Ederval	1936
10	Edval ~ Edival <sup>3</sup>	1990

Fonte: Adaptado de Rodrigues (2019).

## REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho se baseia em três pilares importantes, a saber: a Onomástica, a Morfologia e a Linguística Cognitiva. Assim, ao nos voltarmos para a Morfologia – tendo já tratado sobre a Onomástica –, acreditamos ser necessário apresentar algumas linhas a respeito desse nível da análise linguística:

O estudo da morfologia é então o estudo da palavra, não das funções que ela pode desempenhar dentro da frase, que seria objeto da sintaxe, nem de sua composição fônica ou silábica, o que seria tarefa da fonologia, mas de sua composição ou estrutura: se palavra variável ou invariável, isto é, se, em função de sua semântica ou papel na frase, ela pode ser ou não acrescida de unidades constitutivas, em geral significativas, chamadas flexões [...] (SANDMANN, 1992, p. 11).

Quanto ao entendimento da Linguística Cognitiva, nossa base teórica, apontamos que ela se refere a uma “[...] abordagem teórica [que] entende a linguagem como meio de conhecimento conectado à experiência e à interação humana com e no mundo” (SANTOS, 2018, p. 49). Assim, ocorre uma inseparabilidade entre a cognição do indivíduo e seu meio social, que se constroem em si mesmos, a todo momento. Para Silva (2008, p. 190):

Apesar da sua diversidade teórica e metodológica, a Linguística Cognitiva assume que a linguagem é parte integrante da cognição (e não um ‘módulo’ separado), se fundamenta em processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais e deve ser estudada no seu uso (orientação baseada no uso) e no contexto da conceptualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural. Diferentemente de outras ‘linguísticas cognitivas’, que também estudam a linguagem como um fenómeno mental, como a Gramática Generativa, a Linguística Cognitiva toma a linguagem, não como objecto, mas como meio da

<sup>3</sup> Os prenomes “Edval ~ Edival” aparecem como uma ocorrência só, pois por se tratar de um documento manuscrito, houve dúvida quanto à grafia do prenome (se com a vogal “i” ou não). Portanto, decidimos apresentar as duas possibilidades, o que não invalida a análise.

relação epistemológica e procura saber como é que a linguagem contribui para o conhecimento do mundo.

Pensando nas recentes criações antroponímicas, propomos que estas originam-se de esquemas construcionais, o que pressupõe o conhecimento e o armazenamento mental de conjuntos de itens lexicais complexos que atuam na instanciação de padrões, que nada mais são do que generalizações a respeito desses conjuntos por parte dos indivíduos responsáveis pelas novas construções (RODRIGUES, 2016). Com relação ao conceito de esquema, nos valemos das palavras de Gonçalves (2016b, p. 17): “Esquemas são padrões gerais de pareamento forma-conteúdo que captam características comuns entre várias instanciações específicas e podem ser usados produtivamente”. E complementamos com Goldberg (2013, p. 12, tradução nossa<sup>4</sup>), para quem: “As relações entre forma e significado são tipicamente motivadas e, portanto, encontramos padrões recorrentes linguisticamente”.

Assim, a hipótese formulada por Rodrigues (2016; 2019) é a de que o falante de língua portuguesa, no que tange ao quadro onomástico brasileiro, reconhece inicialmente prenomes isolados com dado formativo e, após exposição considerável a um conjunto de nomes com estruturação similar ou a um item onomástico que seja muito frequente no seu quadro personalativo, esse mesmo falante consegue depreender analogicamente o esquema de outros para criar prenomes. Vejamos, então, como esses conceitos se aplicam na prática.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os princípios da Linguística Cognitiva já mencionados, analisaremos apenas um formativo, encontrado em Rodrigues (2016; 2019), a saber: ED- ~ EDE- ~ EDI-. Segundo Nascentes (1952), o formativo ED- ~ EDE- ~ EDI- remonta ao «ead», que significa “riqueza”. Ainda em Nascentes (1952), verificamos a presença de oito prenomes, masculinos e femininos, com esse formativo, sempre em posição inicial (ou com base mais à esquerda): “Edelberto”, “Edgar”, “Edite”, “Edmar”, “Edmundo”, “Edna”, “Eduarda” e “Eduardo”. Em Förstemann (1900) também foram encontrados prenomes com esse formativo em posição inicial ou com base mais à esquerda: *Eddan*, *Ederad*, *Edie*, *Ediram*, *Edita*, *Edobinchus*, *Edoildis*, *Edotheus*, *Edulf*, *Edward* e outros.

Ainda, em Rodrigues (2016), estes foram considerados os formativos mais recorrentes, atuando em 22 ocorrências, também em posição inicial ou com base mais à esquerda – em

<sup>4</sup> No original: “Relationships between form and meaning are typically motivated, and thus we find recurrent patterns cross-linguistically”.

prenomes femininos e masculinos: “Edclea”, “Edeilice”, “Edemario”, “Edenildo”, “Edenilton”, “Ederaldo”, “Ederval”, “Ediana”, “Edie”, “Edijane”, “Edileide”, “Edilene”, “Edilla”, “Edinaldo”, “Edineia”, “Edirlainne”, “Edjane”, “Edmagno”, “Edmara”, “Edmildes”, “Edvania” e “Edwardes”. Por fim, em Rodrigues (2019) tal formativo também foi encontrado apenas em posição inicial ou mais à esquerda, tanto em prenomes tradicionais (“Edgard”, “Edith”, “Edméa”, “Edna”, “Edson” e “Edvaldo”) quanto em prenomes neológicos (“Ederval” e “Edval” ~ “Edival”). Ao comparar os dados analisados por Rodrigues (2016; 2019), vemos que há certo incremento na recorrência desse formativo, de modo que elegemos uma possível hipótese de que tal formativo veio ganhando prestígio no decorrer dos anos, mas apenas estudos mais especializados poderiam confirmá-la.

Quanto à variação de formas, acreditamos, segundo Rodrigues (2016), que o acréscimo de “i” ou “e” ao formativo ED- representa casos de alografia devido à realização epentética na fala<sup>5</sup>. Já o caso do prenome “Ederval” apresenta uma possível complicação quanto ao uso do -r-. Para tanto, Rodrigues (2019, p. 123) assume três propostas:

a) a ocorrência de alomorfia, sendo possível as variações EDER- e EDIR-; b) a ocorrência de uma composição por justaposição, com duas bases livres (‘Eder’ e ‘Val’) unidas; ou c) o -r-, nesse e em outros possíveis casos, podendo ser tratado como um elemento medial ou de ‘ligação’, descaracterizando uma suposta formação bitemática – o que desacreditamos.

E complementa: “Não nos abstendo do problema em questão, acreditamos que para se chegar a uma possível solução seria necessário empreender uma investigação mais aprofundada, com a análise de outros casos que mais bem fundamentem qualquer uma das propostas” (RODRIGUES, 2019, p. 123).

Quanto à frequência de uso dos prenomes “Ederval” e “Edval” ~ “Edival” no quadro onomástico brasileiro, apresentamos as seguintes informações colhidas na página Nomes no Brasil, do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

<sup>5</sup> Como comumente se observa na oralidade do português brasileiro, a exemplo das palavras “advogado”, “captura” e “absurdo”.

**Quadro 2** – Frequência de indivíduos no país segundo o Censo 2010 do IBGE

Prenome	Frequência
Ederval	1.203 indivíduos
Edval ~ Edival	4.646 ~ 4.756 indivíduos

Fonte: Elaboração da autora.

Sobre a estrutura dos prenomes com o formativo ED- ~ EDE- ~ EDI-, propomos a seguinte segmentação mórfica, de acordo com o Quadro 3:

**Quadro 3** – Segmentação mórfica para os prenomes considerados neológicos com o formativo ED- ~ EDE- ~ EDI-

Prenome	Proposta de segmentação mórfica
Ederval	[EDE(R)- + -VAL] <sup>6</sup>
Edval ~ Edival	[ED- + -VAL ~ EDI- + -VAL]

Fonte: Adaptado de Rodrigues (2019).

Ao observar o Quadro 3, confirmamos a presença do uso de um modelo bitemático, pois em ambos os casos os prenomes “Ed”, “Eder”, “Edi” e “Val”<sup>7</sup> também atuam isoladamente no quadro personativo brasileiro. Logo, a partir do conhecimento de todos os prenomes elencados neste trabalho em referência ao formativo ED- ~ EDE- ~ EDI-, verificados em autores como Förstemann (1900), Nascentes (1952), Rodrigues (2016; 2019), além das informações fornecidas pela página Nomes no Brasil, propomos, então, o seguinte esquema construcional:

$$[Ed(i/e)(r)-X]_{NP} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa associado ao formativo } X]_{NP}$$

no qual o formativo formativo ED- ~ EDE- ~ EDI- ocupa apenas a posição inicial ou a base mais à esquerda, o que não significa, contudo, que por ventura esse formativo não pudesse ser encontrado ocupando a posição final ou a base mais à direita em novas criações personativas e, posteriormente, engendrassse um novo esquema construcional com o formativo em posição final ou com base mais à direita.

<sup>6</sup> Admitindo, para tal segmentação, um caso de alomorfa.

<sup>7</sup> Segundo o Censo 2010 do IBGE, os nomes “Ed”, “Eder”, “Edi” e “Val” se referem, respectivamente, a 3.455, 73.915, 14.606 e 1.537 brasileiros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a observação de Rodrigues (2016; 2019), foi possível confirmar a hipótese levantada pela autora de que a criação de prenomes no quadro onomástico baiano<sup>8</sup> se utiliza, em grande medida, do modelo bitemático, como demonstrado pelas análises dos dois trabalhos por meio da segmentação mórfica. Rodrigues (2019) constatou, de maneira geral, que com o passar do tempo (e, conseqüentemente, com o avançar dos livros) o fenômeno neológico aumentou, ainda que timidamente. Tal afirmação se confirma com a observação dos seus dados, uma vez que dos 46 prenomes neológicos cujos formativos se vinculam parcial ou integralmente a uma origem «germânica», três foram encontrados no Livro 7, 10 estavam no Livro 8, 20 pertenciam ao Livro 9 e 13 correspondiam ao Livro 10 (número que poderia ser ainda mais expressivo se o Livro 10 não fosse consideravelmente menor que os outros três no que se refere à quantidade de fichas). Esse fato também se confirma ao compararmos as duas pesquisas, uma vez que o formativo ED- ~ EDE- ~ EDI- foi o mais recorrente em Rodrigues (2016), que explorou um *corpus* mais atual.

Em consonância com a Linguística Cognitiva, Rodrigues (2016; 2019) comprova que o falante, ao ser exposto a um amplo conjunto de antropônimos com o mesmo formativo ou a um antropônimo muito produtivo na língua, consegue depreender esquemas que permitem a criação de novos por meio da analogia, fenômeno explicitado a partir da proposição de esquemas construcionais. Por fim, ressaltamos a importância da Linguística Cognitiva e, por conseguinte, da Morfologia Construcional que, ao considerar o uso como uma das premissas atuantes nos processos cognitivos dos indivíduos, valorizam seus conhecimentos experienciados. Tal entendimento vai de encontro a argumentos ultrapassados que entendem os nomes próprios apenas como etiquetas identificatórias, ignorando os saberes históricos, políticos, sociais e culturais inerentes a eles.

## REFERÊNCIAS

BOOIJ, G. Compounding and derivation: evidence for construction morphology. *In*: DRESSLER, W. U. et al. (ed.). **Morphology and its demarcations**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. P. 109-131.

<sup>8</sup> Apesar de supormos que, variando em termos quantitativos, essa hipótese se aplique a todo o território nacional – o que somente uma pesquisa com *corpus* mais abrangente poderia confirmar.



BOOIJ, G. Construction morphology. **Language and Linguistics Compass**, United Kingdom, V. 4, N. 7, P. 543-555, 2010. Disponível em: <<https://geertbooij.files.wordpress.com/2014/02/booij-2010-construction-morphology-lg-linguistics-compass.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2019.

BOOIJ, G. Construction morphology and the lexicon. *In*: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (eds.). **Selected Proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse**. Somerville: Cascadilla Press, 2007, P. 34-44.

COATES, R. *What is onomastics?* [S.l.]: The International Council of Onomastic Sciences, [200-]. Disponível em: <<https://icosweb.net/drupal/what-is-onomastics>>. Acesso em: 18 out. 2018.

FÖRSTEMANN, E. **Altdeutsches namenbuch**. Bonn: Hanstein, 1900.

GOLDBERG, A. E. Constructionist approaches. *In*: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: University Press, 2013, P. 1-31.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: a Construction Grammar approach to argument structure**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016a.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia Construcional: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016b.

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 3. ed. São Paulo: Ave Maria Ltda, 1981.

LOPES, M. dos S.; SOLEDADE, J. Antroponímia, história e cultura: os nomes próprios personativos em documentos paroquiais baianos do século XIX. *In*: SANTOS, E. S. dos; ALMEIDA, A. A. D.; SIMÕES NETO, N. A. (org.). **Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudo**. Salvador: EdUNEB, 2018. P. 141-168.

MACHADO, J. P. **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Horizonte: Confluência, 2003. V. 2.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

PIEL, J. M. **Estudos de linguística histórica galego-portuguesa**. Lisboa: IN/CM, 1989.

RODRIGUES, L. S. **Neologia antroponímica: o que os nomes de origem germânica têm a nos dizer?**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RODRIGUES, L. S. **Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SANDMANN, A. J. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.

SANTOS, E. S. dos. A polissemia na abordagem cognitivista: um estudo sobre os itens lexicais dar e tomar. In: SANTOS, E. S. dos; ALMEIDA, A. A. D.; SIMÕES NETO, N. A. (org.). **Olhares sobre o léxico**: perspectivas de estudo. Salvador: EdUNEB, 2018. P. 49-68.

SILVA, A. S. da. Os estudos de Linguística Cognitiva do português. **Revista Portuguesa de Humanidades**. Braga, V. 12, P. 189-221, 2008.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, V. 26, N. 3, P. 1295-1350, 2018. Disponível em: <[http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12678/pdf\\_1](http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12678/pdf_1)>. Acesso em: 18 fev. 2019.

SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (org). **Linguística Cognitiva**: redes de conhecimento d'aquém e d'além-mar. Salvador: EDUFBA, 2018, P. 225-258.

